

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN/RN

Palavras chaves: antropologia da técnica, rituais, espiritualidade

O objetivo desse ensaio é fazer uma leitura da experiência ritual na tenda do suor Lakota<sup>3</sup>, usando como eixo norteador a teoria da performance. A partir da pesquisa no mestrado em Antropologia Social investiguei as atividades de alguns dos atores que fazem parte do circuito neo-xamânico na América Latina, redes globais que ligam nativos das aldeias de diferentes etnias, e interessados que vivem em centros urbanos intercambiando saberes práticos e simbólicos. Uma das práticas mais presente nos eventos é a tenda do suor, sauna sagrada ou Temascal, feita de varas flexionadas unidas em formato de iglu e revestida de cobertores, tendo em seu interior um espaço cavado onde são colocadas, de forma cerimonial, pedras incandescentes recebidas como *avozinhas* pelos participantes em seu interior. Os encontros são realizados com o objetivo de proporcionar ao participante vivenciar a “cosmologia indígena” através de saunas sagradas, buscas da visão, ou cerimônias com bebidas sagradas tornando global o local. Nos eventos o uso de psicoativos como ayahuasca era recorrente, principalmente durante a busca da visão e em rituais de lua oferecidos com ou sem tenda do suor. A ayahuasca é uma bebida psicoativa resultante da cocção entre o cipó *Banisteriopsis caapi*, conhecido como jagube ou mariri, e as folhas do arbusto *Psychotria viridis*, a Rainha da Floresta ou chacrona – existem algumas variações quanto ao segundo elemento, que pode ser substituído por plantas de composição química similar. Ambos os componentes são nativos da Amazônia e utilizados, para o preparo da bebida, pelo menos desde 2000 a. C. por comunidades indígenas de toda a região (NARANJO, 1986). Como psicoativo, a ayahuasca é capaz de induzir, no usuário, estados alterados de consciência e de percepção da realidade. A bebida pode ser classificada como alucinógena, por ser composta por

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>2</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>3</sup> Os Lakota (também Teton, Tetonwan, Teton Sioux) são uma tribo nativa americana. Eles são parte de uma confederação de sete tribos Sioux relacionados (as Sakowin Oceti ou sete incêndios conselho) e falar Lakota, uma das três principais dialetos da língua Sioux.

alucinógenos conhecidos e identificados pela medicina, e como enteógena, por provocar um estado profundo de transe e contemplação – não necessariamente com efeitos visuais claros. Participando do evento integralmente optei por fazer uso dos psicoativos, pela possibilidade de uma experiência mais completa do campo.

O tenda do suor é uma cerimônia de purificação Lakota muito difundida na América do Norte indígena, e faz parte de um conjunto de práticas e rituais do circuito neoxamânico e conduzida por neoxamãs em clínicas e eventos holísticos em alguns centros urbanos de vários estados do Brasil. Durante a pesquisa de mestrado observei a tenda sob a perspectiva das teorias clássicas e focando na eficácia ritual. Observei sob o olhar das principais abordagens antropológicas para o estudo do ritual – das perspectivas estruturalistas e estruturais-funcionalistas, e aproximando das abordagens processualistas centradas nas noções de símbolo e drama social, não foi suficiente para responder questões apresentadas no campo como: o que faz os participantes estarem por quase quatro horas em uma sauna apertada em um grupo cantando e suando, sem que isso tenha a ver com sua ancestralidade ou com o desejo de conexão com seus parentes? Muitos dos participantes não tinham ideia da simbologia do ritual, e muito menos do seu significado. As limitações da abordagem de uma análise clássica de ritual centrada no significado, nesse caso, parecem deixar a margem detalhes da performance do focalizador e do seu público.

Nesse ensaio apresento a configuração da tenda e suas particularidades performativas, questões apresentadas no campo serão retrabalhadas a partir das situações e interações concretas entre focalizador e público, à produção relacional de contextos e enquadramentos bem como às especificidades da linguagem dos atores e as formas comunicativas emergentes na ação ritual. O eixo norteador desse ensaio será a teoria da performance tendo como recorte as ideias sobre co-criação da experiência ritual, arte verbal e meta-comunicação (SHIIEFFELIN, BAUMAN & BRIGGS e BATESON). Espero que com esse enquadramento, seja possível transcender os limites do entendimento clássico e analisar o ritual da tenda, como dotado de uma eficácia própria, capaz de produzir coisas, pessoas, relações, significados e memórias.

### **Configuração do ritual da tenda do suor**

A prática de despejar água sobre pedras aquecidas para produzir um banho de vapor e limpeza é comum, em muitas partes do mundo não sendo uma prática limitada

aos povos indígenas do continente americano. No período entre 1930 a 1960 foi proibida nos Estados Unidos, em algumas comunidades indígenas a prática ficou por gerações sem ser realizada, devido à pressão de autoridades civis e da igreja. Homens e mulheres que sabiam o suor morreram sem passar seus conhecimentos para a próxima geração. A tenda mais difundida e praticada hoje é de tradição Lakota Sioux, chamada Inipi. Os Lakota persistiram com às Inipi, enquanto muitos outros grupos indígenas americanos foram forçados pela pressão dos missionários e pelo governo federal a desistir de apresentar a tenda. Nas últimas três décadas, os anciãos lakota têm ensinado suas cerimônias sagradas em outras comunidades nativas que pretendiam restabelecer o suor. Eles também compartilharam com os índios que cresceram nas áreas urbanas fora das reservas. Para o movimento indígena americano, formado em 1968, o suor tornou-se uma base espiritual para uma consciência política crescente. O resultado desse compromisso com a partilha de suas tradições foi que um número de Lakotas e os não-lakotas (que foram treinados por um professor lakota) viajaram pelo continente oferecendo o Inipi ao seu próprio grupo e, por vezes, para não índios. Atualmente, parece os povos indígenas que são encontrados no Canadá e nos Estados Unidos, estão usando tendas do suor. As tendas do suor estão se tornando mais comum agora.

A Tenda do Suor ou “sauna sagrada”, “Inipi”, “Sweat Lodge” ou “Temascal” é construída com varas flexionadas unidas em formato de iglu, uma estrutura que lembra o casco de uma tartaruga e revestida por cobertores de lã. Em seu interior é cavado um espaço circular onde são colocadas pedras incandescentes de forma ritual e são chamadas de avozinhas. Os participantes entram na tenda acocorados e o processo ritual é iniciado realizado de modo que nem o tempo, o espaço e nem os indivíduos nele envolvidos são os mesmos da vida cotidiana. Sentam em círculo no seu interior e acompanham com rezas as quatro fases distintas, demarcadas pelo abrir e fechar da porta de entrada da tenda. Este é o momento liminar do ritual, que segundo atribuições de Van Gennep (2011) adotadas por Turner (1974), é precedido por um momento de separação – onde o indivíduo é separado de sua vida cotidiana, a tenda representa simbolicamente um retorno ao “ ventre que gera a vida”. Um momento liminar onde o indivíduo está despido de suas indumentárias sociais, ou seja, de seu *status* social, os indivíduos envolvidos no ritual têm uma forte tendência a desenvolver um sentido de grupo muito forte. Isso significa dizer que naquele momento não existem separações de poder entre eles. Um sentimento de igualdade é provocado pela própria situação ritual. Um dos modelos que se utiliza para

estabelecer o ritmo de sua dinâmica e suas passagens é o do próprio corpo, sendo a função central de cada fase a de “limpar” e “fortalecer” o corpo e o espírito posterior a este momento liminar ocorre a agregação – onde o indivíduo se reintegra à sociedade “renascido”. Pessoas, tempo e espaço estão sob influência de uma atmosfera simbólica que os ressignifica e transforma seus atributos e *status*. Assim, da perspectiva clássica podemos pontuar que o ritual da tenda por meio de representações simbólicas provoca um estado liminar dos participantes o que instiga uma reelaboração simbólica do espaço e tempo, que são relativizados o tributo liminar do ritual é potencializador da relação de *communitas* e provoca uma mudança nos indivíduos que pode ser referente a sua cura física, mental, emocional e espiritual. Mas para dar conta da atuação do focalizador e sua platéia se faz necessário acrescentar os estudos de performance.

Richard Schechner vem da tradição do teatro e ao deslocar seu olhar ampliando-o para os estudos antropológicos ele começa a perceber uma nova abordagem da “ação” humana a qual entende como *performance*. Schechner define que:

*Performances* consistem de comportamentos duplamente exercidos, codificados e transmissíveis. Esse comportamento duplamente exercido é gerado através da interação entre o jogo e o ritual. De fato, uma definição de *performance* pode ser: comportamento ritualizado condicionado/permeado pelo jogo. (SCHECHNER, 2012, p. 49)

O autor usa o termo “comportamento restaurado” para as ações que as pessoas treinam e ensaiam, gerando possibilidade de ineditismo, a atuação pode mudar em função do contexto, da recepção, e das ilimitadas maneiras que as parcelas do comportamento podem ser organizadas, executadas e mostradas. O depoimento de Antonella Sigaud, participante de uma das tendas que observei exemplifica essa ideia:

Depois da segunda rodada de calor efervescente, nós rastejamos para fora da tenda. Quando saímos, a xamã nos recebe com sorrisos e carinhos maternos, com água fresca e regeneradora sobre a fronte e o corpo, enquanto ela canta com sua voz de ninfa: “terra meu corpo, água meu sangue, ar minha mente, fogo meu espírito”. Leve e feliz, eu rolo lentamente na lama, o cheiro de vida me inebria, a luz do dia me abençoa, a fogueira crepita alegremente, a cachoeira retumbante me convida ao longe, e eu sinto gratidão pulsando em cada poro de meu ser. Estou mais

viva que nunca. Viver não basta. É preciso viver de “verdade”.

Schechner também ressalta que os rituais “transformam pessoas, permanente ou temporariamente.” (SCHECHNER, 2012). Schechner aponta que quando em situações de ritual e/ou *performance* os indivíduos assumem o atributo liminar e estando nesta situação de margem eles são ao mesmo tempo o “não eu” – que é diretamente a negação de si – e o “não não eu” – que através da dupla negativa se reassume consigo mesmo. Partindo desta personalidade binária e dependendo da relação de entrega do indivíduo/grupo e da performance para conduzir do xamã focalizador da tenda, pode ocorrer a transformação onde o indivíduo assume uma nova personalidade.

### **A construção da experiência**

Assim, chegamos na perspectiva de co-criação Edward Shieffelin, o autor aponta as discussões que enfatizam a eficácia do ritual e performances, a transformação de si próprio e do estado social dos participantes está intimamente ligada a mudanças no significado simbólico dentro do ritual. Em Performance e a construção da realidade, o autor investiga a perspectiva que o condutor do ritual e sua audiência co-criam uma nova realidade, e recontextualizam as circunstâncias sociais problemáticas específicas e dessa forma permite que se tomem medidas a respeito delas.

### **O Performer – o focalizador da tenda**

O comportamento do focalizador da tenda atende as funções de performance, conduzir uma tenda do suor implica em atender a expectativa dos participantes e estimular a entrega a experiência ritual. Para entreter sua plateia e construir uma imagem de segurança são necessárias várias capacidade e habilidades para construir com rezos, metáforas e explicações convincentes a respeito da simbologia que movimenta o processo ritual. Além de ter que manter a atenção em todos os participantes e atender as suas necessidades de cura. Segundo Bauman e Briggs, os fatores que são centrais para a construção e aquisição de autoridade: são acesso, legitimidade, competência e valores, fazendo uma analogia o xamã focalizador que atua em diferentes contextos e atende a plateias com expectativas distintas, necessita assim modificar o seu discurso para maior controle do processo ritual. Suas relações interpessoais podem determinar as possibilidades de acesso a esses públicos, legitimidade necessária assim como suas ligações de apadrinhamento, sua experiência e sua habilidade em conduzir a tenda

garantirão o sucesso do trabalho e sua competência, assim como a sua conduta e forma de agir nas relações e conexões traduziram os seus valores para a plateia. Nesse sentido a sua habilidade retórica e performática garantem o sucesso e eficácia ritual.

Na Linguagem verbal e não verbal - as palavras atuam de forma cognitiva e os gestos, posturas e movimentos a linguagem atuam de forma inconsciente. A linguagem inconsciente, segundo Goffman (1975), dá vantagem ao público para perceber possíveis assimetrias ou incongruências no processo da comunicação. No caso dos atores, assim como para os neoxamãs, era necessária muita prática para poder dominar esta linguagem e convencer o público. Para Bateson, a linguagem não verbal é passada através do movimento corporal é que a concordância verbal (cognitiva) pelas palavras. O comportamento não verbal complementa as palavras. Quando os dois conflitam, tendemos a acreditar na parte não verbal da mensagem. Durante as entrevistas, observei a linguagem dos neoxamãs e verifiquei um padrão recorrente: quanto maior era o seu leque de técnicas terapêuticas, mais sua linguagem inconsciente era treinada, a linguagem corporal como padrão respiratório, postura, gestos acompanhada da velocidade da voz, volume e ritmo pausado, o discurso é quebrado ou completado ao emitir sons característicos como tossidas, suspiros e hesitações. Um controle de impressões que gera suspense, estados de reflexão ou emoção interna na plateia. É possível observar os cinco momentos que Turner descreve: 1) algo acontece a nível de percepção (as impressões sensoriais são percebidas), 2) faz-se referência a imagens do passado o participante lembra de acontecimentos passados, 3) Sente e revive as experiências do passado, 4) o passado articula-se ao presente numa “relação musical” tornando possível a descoberta e construção do significado (ou ressignificado) 5) a experiência se completa através de uma forma de expressão. Esses momentos são vividos pelo participante e dependendo da atuação do focalizador transformarão o sujeito.

A linguagem verbal pode ser expressa através de mantras, ícaros, cantigas, rezas, cantos, contos metafóricos ou *feedback* dentro ou fora do momento ritual independente da língua utilizada. Dando destaque ao som em alguns momentos no interior da tenda. Por isso, ele pedia para não traduzir o que ele estava cantando ou rezando. Sua performance varia de acordo com o contexto e a plateia, expressões como “vamos todos ser cozidos”, “tenda pra branco é suave” ou “brincar de índio” cheia de insinuações e brincadeiras, ou, recitava cânticos ou trocava informações com seus assistentes com gestos e olhares ou falava em outra língua Lakota para modelar velhos indígenas, sua

atuação é adaptada a plateia e ao contexto, como enquadrrou Gregory Bateson. Assisti uma entrevista gravada do xamã Cheyene Turtle, que focalizou as primeiras tendas do suor no Brasil em sua última visita. A repórter solicitou que fizesse uma reza em sua língua nativa e logo após o fim da reza, ela pediu que ele traduzisse. Ele simplesmente disse que não rezou para ela, mas para o grande espírito. O *mantra* não precisa ser compreendido, em termos idiomáticos, precisa ser repetido fielmente em termos “vibratórios”, como uma sonoridade musical específica que, somente assim, exerce um poder sobre os fenômenos visíveis ou sobre os mundos psíquicos e invisíveis. Bauman e Briggs, apontam para os vínculos da performance a competência, intenções de expressividade, estratégias de retórica e propósitos funcionais do ator(performer); sobre as conexões fáticas do ator (performer) a sua audiência; sobre as conexões indiciais do discurso em performance enquanto emergente em performance. Pude observar, entre os xamãs urbanos, o uso frequente de citações verbais, e mesmo de leituras em grupo, das obras de antropólogos que realizaram pesquisas que focalizam o ameríndio e o xamanismo. Esse enfoque na disciplina da antropologia tem uso peculiar, como fonte de conhecimento e de afirmação do próprio neoxamanismo. Por diversas vezes, ouvi frases como: “vamos fazer agora um exercício espiritual dos xamãs lakota, que foi descrito no livro de um antropólogo chamado fulano de tal”.

### **A estrutura da tenda**

Nem todos os líderes de tendas conhecem a fundo esta simbologia. Segundo seus condutores, um líder ou condutor experiente deveria saber a medicina de cada vara, e o momento de usar cada erva, cada canto e a batida do tambor ou maracá adequados para ajudar a “curar” a perturbação que o espírito da vara está mostrando para a pessoa que está embaixo dela, assim como os mistérios do grupo que os espíritos ou as forças sobrenaturais estão revelando. De acordo com vários focalizadores, a disposição das varas na montagem da tenda obedece a uma simbologia.

Na cosmologia lakota houve divisões quadripartidas de tudo: quatro cores (vermelho, verde, azul, amarelo), quatro mistérios superior (sol, céu, terra, rocha), quatro classes de deuses (superior, espíritos associados, subordinados, inferiores), quatro elementos no céu (sol, lua, céu, estrelas), quatro peças de tempo (dia, noite, mês, ano), e quatro ventos que correspondem aos quatro pontos cardeais. Todos estes são simbolizados pela cruz lakota-dentro-um- círculo, um símbolo que aparece em todas as Américas. Para os lakota, é o aro "sagrado" e

representa a totalidade de seu povo (STEINMETZ, 1990).

### **A plateia**

A estratégia para provocar a experiência ritual inicia no discurso antes de entrar na tenda, uma série de recomendações são dadas a respeito dos procedimentos rituais e de segurança. As recomendações, a visão da fogueira e da tenda que parece minúscula, para caber todos os componentes. Nesse momento a performance do xamã determina o nível de entrega do grupo. A primeira visão ao entrar na tenda é de completa escuridão, até que seus olhos acostumem e a porta abra pela primeira vez, parece uma eternidade, a escuridão da tenda é rompida quando a porta abre para as pedras entrarem, a luz da fogueira rompe a penumbra e suas labaredas promovem sombras na tenda, as pedras escandecentes são trazidas pelo homem do fogo e saudadas com cântigos específicos e repetidos diversas vezes a ponto de serem aprendidos pelos integrantes que devem repeti-los ao comando do focalizador. A temperatura, o suor dos corpos, o contato dos corpos e da terra, o cheiro e o pouco espaço provocam diferentes reações nos integrantes do grupo. Nesse momento os sons do tambor, as vozes externas e internas dentro da mente, os rezos completam a experiência dos participantes. As metáforas e conselhos contadas pelo xamã atuam como balsamos em meio a tormenta. O cheiro das ervas, da terra, o vapor das ervas, a sede geram uma experiência única.

O uso da ayahuasca e a participação na tenda do suor além de intensificar a vivência no campo me levaram a refletir sobre memórias pessoais que emergiam a cada experiência. Além de não poder gravar e estar afetada com a vivência, tornava-se desafiante distinguir o que era meu e o que era do outro. No contexto, minha posição era de cliente e pesquisadora, enquanto cliente eu tinha meu estado psicológico e fisiológico sensível com reações como vomitar e ter visões, além da atuação do xamã, suas palavras suas observações a respeito do meu estado naquele momento. Enquanto pesquisadora buscava discernimento para poder observar além de mim mesma e estar na situação de ser afetado e confiar nas minhas observações. Dentro do contexto terapêutico tornou-se necessário fazer escolhas conscientes do que descreveria sobre mim mesma e sobre a reação dos participantes. Questões metodológicas sobre o que deveria estar ou não descritas, e como e onde deveriam estar no texto acadêmico permearam o trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei nesse ensaio primeiramente a abordagem clássica para análise do ritual da tenda do suor, e as limitações que identifiquei deixando a margem do trabalho detalhes do processo ritual que poderiam ajudar a pensar o que faz os participantes entrarem em uma tenda do suor. Em seguida com o auxílio das ideias de Schechner, Bauman & Briggs, Bateson e Schieffelin pude ampliar um panorama diferenciado das formas de olhar ritual. A teoria de performance contribuiu para especificar o comportamento restaurado, as variações de discurso nos contextos, que marcam identidade e definem a autoridade do xamã focalizador do ritual. Respondendo a questão inicial sobre o que leva um participante a ficar várias horas em uma tenda do suor: Primeiro sua pré-disposição em trabalhar sentimentos e emoções. Segundo a confiança no focalizador que é gerada pela performance do mesmo. No contexto de ritual feito em centros urbanos, os atores não repetem ações de seus ancestrais para perdurar a tradição que herdaram, neles são trabalhados os comportamentos dos atores mais em suas disposições para trabalhar em cima da complexidade, abertura de si mesmo, a relação com a natureza, o sentimento e as ações são apenas os meios para engendrar e expressar essa disposição de participar ou não do ritual, e o nível de transformação atingido pelo participante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. Em: **O discurso em Mosaico**. Cadernos IPUB n.5. UFRJ, 2000.
- BAUMAN, Richard & BRIGGS, Charles. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Em: **Ilha** v.8, números 1 e 2. Florianópolis: UFSC. Janeiro a dezembro de 2006.
- BAUMAN, Richard. Verbal Art as Performance. In: **American Anthropologist**, New Series, v.77, nº2. Jun 1975. Pág, 290-311.
- DAWSEY, John C. Turner, Benjamin e a Antropologia da Performance: um olhar(ouvido) das coisas. **CAMPOS - Revista de Antropologia Social**, v. 7, n. 2, 2006.
- DAWSEY, John. Victor Turner e antropologia da experiência. Cadernos de Campo, USP, n. 13, 205 (p. 163-185).
- LIGIERO, Zeca. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Mauad X, 2012.
- NARANJO, P. El ayahuasca in la arqueologia ecuatoriana. In: Americana Indígena 46, no 1. Cidade do México, 1986.

SCHIEFFELIN, Edward L. Performance and the Cultural Construction of reality.  
**American Ethnologist**, 12 (4) 1985.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? Em: **O Percevejo** n.12. UNIRIO. 2004.

.